

“Ato de emancipação”? O processo de profissionalização e suas consequências para o futebol cearense

¿Acto de emancipación? El proceso de profesionalización y sus consecuencias para el fútbol cearense

An Act of Emancipation? The Process of Professionalization and its Consequences for Soccer in Ceará

Caio Lucas Morais Pinheiro*

Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Resumo

Neste artigo, analisaremos a profissionalização do futebol cearense nas décadas de 1930 e 1940. A reflexão é provocada sob uma análise social do futebol relacionada ao surgimento de um *ethos* profissional, em que o jogo passa a ser visto pelos jogadores como um trabalho e uma oportunidade de sobrevivência. Essa preocupação ocorre devido à relevância das transformações na prática esportiva durante o século xx, entre elas o profissionalismo e a mercantilização do futebol. Este trabalho foi possível com o recurso da pesquisa empírica através dos periódicos e consulta ao arquivo do memorialista Airtton Fontenele. Portanto, buscaremos compreender os caminhos trilhados pelo futebol cearense e seus significados sociais.

Palavras-chave: esporte, futebol, profissionalização, *ethos*.

Resumen

El artículo analiza la profesionalización del fútbol en el Estado de Ceará, Brasil, entre 1930 y 1940. La reflexión se plantea bajo un análisis social del fútbol, relacionado con el surgimiento de un *ethos* profesional en el cual los futbolistas ven el juego como un trabajo y una oportunidad de supervivencia. Esa preocupación surge debido a la relevancia de las transformaciones en la práctica deportiva durante el siglo xx, como la profesionalización y la mercantilización del fútbol. El trabajo recurre a la investigación empírica y la consulta de periódicos y del archivo del memorialista Airtton Fontenele. Así, se busca comprender los procesos del fútbol cearense y sus significados sociales.

Palabras clave: deporte, profesionalización, *ethos*.

Artículo de reflexión.

Recibido: 11 de abril del 2013. Aceptado: 1° de junio del 2013.

* Historiador pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Pesquisa áreas de estudos relacionados a esporte, futebol, costumes e hábitos no cotidiano. Este artigo foi orientado pelo Professor Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá.

E-mail: caiolucasmorais@gmail.com

Abstract

The article analyzes the professionalization of soccer in the State of Ceará, Brazil, between 1930 and 1940, from the perspective of the social analysis of soccer as it relates to the emergence of a professional *ethos* according to which soccer players see the game as a job and as an opportunity to make a living. This interest arises due to the relevance of the transformations in the practice of sports during the 20th century, such as the professionalization and the commercialization of soccer. In order to understand the processes undergone by soccer in Ceará and their social significance, the methods used were empirical research and consultation of newspapers, as well as of the archive of memorialist Airton Fontenele.

Keywords: sports, professionalization, *ethos*.

Introdução: o futebol e a história

O futebol e os diversos esportes modernos estão cada vez mais inseridos no cotidiano da sociedade contemporânea. Durante os séculos xx e xxi, o esporte se tornou uma das principais manifestações socioculturais ao agregar aspectos sociais que pluralizaram as suas investigações e as análises no campo acadêmico.

Nessa perspectiva, por muito tempo, os estudos sobre os esportes estiveram marginalizados do interesse intelectual. Anteriormente aos pressupostos legados pela Escola dos Annales¹, pesquisas sobre esportes dificilmente tinham reconhecimento e eram, muitas vezes, encaradas como diletantismo. No entanto, com a ampliação da noção de documentos e do campo de estudo do historiador e dos cientistas sociais, derivados da percepção de relevância em novos temas, o futebol passou a ser visto como uma prática que possui significado social e que possibilita conhecimento aos pesquisadores.

Sandra Pesavento (2003) mostra que “novos ventos” foram soprados para o campo de pesquisa da História Cultural, pois movimentos sociais, grupos de indivíduos e diversas práticas culturais passaram a ser analisados minuciosamente por estudiosos.

Assim, as representações, símbolos, sensibilidades da prática esportiva em Fortaleza foram refletidas durante uma das principais transformações do futebol: o processo de profissionalização e suas consequências no cotidiano do esporte.

Entender essas transformações, segundo Reis e Escher, é fundamental para o crescimento dos esportes, pois

Consideramos, assim, importante e necessário o avanço dos estudos acadêmicos sobre futebol. Que continuem retratando a importância social, mas que deem conta de analisar as modificações que

-
1. Grupo de estudiosos que propuseram uma ampliação do saber histórico e que, didaticamente, é dividido em três gerações, a primeira com Marc Bloch e Lucien Febvre; a segunda geração tendo Fernand Braudel como maior representante, e a última, também chamada de Nova História, com Jacques Le Goff e Pierre Nora, principalmente.

o futebol sofreu nos últimos anos, tanto em termos de organização como nos aspectos econômicos e sociais. (Reis e Escher, 2006, p. 51)

Destarte, esta proposta de análise histórica se insere no campo de estudos da História Cultural, em que interpretamos o futebol cearense como uma prática de cidadania dotada de significado social que mobiliza homens, mulheres, crianças e idosos na cidade de Fortaleza durante as décadas de 30 e 40 do século xx.

Dividimos a reflexão em dois momentos. O primeiro, “O processo de profissionalização: antecedentes e razões”, aborda as motivações que catalisaram o surgimento do futebol profissional, ao entendê-lo como um processo gradual. No segundo momento, intitulado “Contratações, competitividade e mercantilização: o *ethos* profissional e seus significados”, problematizamos as consequências do profissionalismo na prática esportiva e discutimos a inserção capital financeiro nas contratações, o espírito esportivo em busca de resultados e a presença dos torcedores nesse contexto de mudanças.

O processo de profissionalização: antecedentes e razões

O profissionalismo no futebol cearense teve seus primeiros passos com o surgimento dos “bichos” e das diversas premiações oferecidas aos jogadores a partir da década de 1920, como uma espécie de recompensa ou de gratificações para as vitórias dentro de campo.

Contudo, entender como e quando os jogadores do futebol cearense passaram a se autodenominar atletas profissionais e, a partir disso, viver da prática esportiva pressupõe recorrer a determinados fatos que existiram especificamente no *campo* esportivo em Fortaleza.

A inserção do *amadorismo* “*marrom*” nos anos 1920 e seu crescimento durante os anos 1930 popularizavam os jogadores de futebol, porém a qualidade do futebol praticado nos campos cearenses ainda não era aprimorada. Essa deficiência na qualidade técnica se materializou para a população cearense em 1938, quando os clubes Bahia e Palestra Itália (atual Sociedade Esportiva Palmeiras), da Bahia e de São Paulo, respectivamente, fizeram temporadas em Fortaleza jogando contra os times locais.

Durante a temporada que o Palestra Itália esteve aqui em Fortaleza, por exemplo, este derrotou o Ceará Sporting Club e o Maguari Esporte Clube pelo mesmo *placard*: 5x1. Após essas duas derrotas fragorosas, juntaram-se os melhores jogadores locais para formar a seleção cearense e derrotar o Palmeiras, porém novamente veio a derrota, agora de 2x1.

Nos jornais, percebeu-se uma crescente preocupação com o futebol cearense. Nas duas primeiras derrotas, o Jornal *Unitario*² publicou: “O

2. As normas gramaticais do período analisado não são as mesmas do momento atual. Dessa forma, algumas expressões aparecem diferentes da escrita do presente. A moeda e o dinheiro do período também seguem a essa regra, correspondendo, portanto, a valores e a significados diferentes da atualidade.

Palestra após porfiada luta derrota o Ceará por 5x1” (Unitario, 25 nov. 1938, p. 6), e “Palestra 5 Maguari 1 – A falta de orientação dos *príncipes* concorreu para o *escore* da tarde de ontem” (Unitario, 2 dez. 1938, p. 8).

Para agravar ainda mais a indagação sobre a qualidade dos nossos *players*, dos cinco jogos realizados pelo Bahia em Fortaleza, foram cinco derrotas, uma delas pela elevada contagem de 10x2. Tal situação teve consequências no olhar futuro sobre os times locais, pois, a partir de então, procurou-se compreender e detalhar como o Palestra Itália e o Bahia conseguiram obter tais resultados, como podemos constatar na reportagem “400 contos dispende o Palestra anualmente”:

O Globo Sportivo noticiou que o esquadrão do Palestra Itália é um dos mais caros do país, pois dispende anualmente 400 contos com o seu contendo. São os seus jogadores mais caros: Luizinho e Junqueira, os quais receberam 20 contos de luva e percebem 1 conto de reis mensalmente. (Unitario, 16 dez. 1938, p. 2)

Figura 1. Palestra Itália em sua passagem por Fortaleza



Fonte: Jornal *Unitario*.

Nessa perspectiva, então, o investimento a ser realizado nos jogadores era o grande responsável pela formação de um grande conjunto em sua qualidade técnica, um “Esquadrão Gigante”, como ficou conhecido o Palestra Itália.

Portanto, após a derrota da seleção cearense, como num solução final, o *Unitario* atribui mais essa derrota ao nosso futebol ser amador, enquanto o futebol paulista já era profissional, muito embora os nossos amadores tivessem se esforçado e se apresentado bem tecnicamente.

Assim, o fato de o futebol cearense ainda ser amador foi que responsabilizou nossos desportos sofrerem as derrotas durante as temporadas interestaduais de 1938, pois, para o profissionalismo, a fórmula para garantir a vitória era contratar jogadores e manter seu conjunto valoroso, mesmo que custasse muito para a época. Na reportagem "O *scratch* do Ceará vitorioso moralmente", pode-se notar esse aspecto: "O escore 2x1, diz perfeitamente do valor dos nossos amadores frente aos profissionais de São Paulo" (*Unitario*, 3dez. 1938, capa).

A partir da temporada exemplificada, no final de 1938, e também a passagem anterior do Bahia, viu-se a necessidade de direcionar o futebol para o profissionalismo. Diferentemente de recompensar ou premiar alguns jogadores como o fez por muitos no amadorismo "marrom", só o profissionalismo poderia colocar o futebol cearense em um patamar de qualidade igual ao que já existia nos clubes brasileiros de "ponta".

Nesse sentido, os memorialistas cearenses também perceberam as temporadas realizadas naquele ano como fundamentais para as mudanças que viriam a ocorrer na prática esportiva local. Vejamos na pesquisa realizada por Airton Fontenele³ concedida para este trabalho:

Retornando ao futebol cearense o qual passamos acompanhá-lo em 1938, logo após a Copa do Mundo na França (Brasil – 3^a lugar dos famosos Leônidas da Silva, Domingos da Guia, Romeu, Perácio e Tim), com as temporadas (assim denominadas) do Bahia e Palestra Itália (hoje Palmeiras). Até dividíamos, na época, futebol cearense antes e depois das temporadas do Bahia e Palmeiras. (*Fontenele*, 8 mar. 2013, p. 3)

Em 1939, conseqüentemente, foi imprescindível que mudanças acontecessem para revitalizar a autoestima do futebol cearense e os dirigentes optaram pelo investimento no profissionalismo, principalmente através do pioneirismo do Ferroviário Atlético clube nas grandes contratações. Segundo Fontenele:

Recordamos, então, as contratações (profissionalismo) pelo Ferroviário logo no primeiro ano de sua participação no campeonato cearense, em 1938 (fundado em 1933) trazendo de Pernambuco três excelentes valores: Popó (o "Pingo de Ouro"), Zuza e Lourival, e logo em 1939, o extraordinário ponta-direita piauiense, Pepê, o primeiro a chegar de avião, numa campanha de Valdemar Caracas (um dos fundadores). (*Fontenele*, 8 mar. 2013, pp. 3 e 4)

A contratação de Popó citada por Fontenele é reconhecida como o primeiro jogador profissional de "direito", como podemos ver na reportagem "Popó integrará a equipe do Ferroviário":

3. Airton Silveira Fontenele é memorialista e pesquisador sobre a História do Futebol Cearense. Irmão do ex-jogador José Candido Fontenele.

Podemos, hoje, em primeira mão, assegurar aos nossos leitores que, após as necessárias *démarches* havidas entre Popó e o Ferroviário, este representado em Recife, pelo prof. Dr. Luis de Gois, o grande *back* pernambucano acaba de aceitar a proposta que lhe fez o *team* da rvc. A ação e dinamismo em prol do *foot-ball* em Fortaleza, que vêm dispendendo os elementos da Diretoria do Ferroviário, só encômios deve merecer dos esportistas locais, pois a única intenção dos dirigentes do Ferroviário é proporcionar o incremento do nosso *association*, importando players do quilate de Popó, a fim de chamar a atenção e despertar entusiasmo no publico durante as partidas que tiver ocasião de realizar em nossas *canchas*, em proveito, ainda, do bom nome da ADC⁴ e do concerto do nosso Estado. (*Unitario*, 25 fev. 1939, p. 8)

Além do Popó e dos outros jogadores citados por Fontenele, o Ferroviário levou adiante a campanha para a qualificação dos seus jogadores em 1939. Nos jornais desse ano, era comum ver essas contratações encaixadas pelo time da rvc⁵, como nas reportagens “O Ferroviário oferece ótima proposta a AurelioMunt – Outros *cracks* serão contratados” (*Unitario*, 1 fev. 1939, p.5), “Dias, o novo goleiro do Ferroviário – As bases do contrato do *crack* baiano” (*Unitario*, 15 jul. 1939, p. 5) e “Avelino arruma as malas para o Ferrim” (*Unitario*, 12 jul. 1939, capa).

Cabe inferir que, neste momento de transição, muitos dos jogadores ou simpatizantes do futebol viam o profissionalismo como uma oportunidade. Fábio Franzini analisa:

Para os jogadores, na verdade, buscar a profissionalização não consistia em mera questão de preferência. O futebol permitia a sobrevivência imediata e, quem sabe, a realização do sonho da ascensão socioeconômica para muitos daqueles que não encontravam essa oportunidade pelo trabalho. O próprio jogo virara um trabalho. (Franzini, 2003, p. 64)

Em uma metáfora com a abolição da escravidão e a profissionalização dos jogadores como um ato de emancipação, Anatol Rosenfeld escreve em 1956 sobre essa questão:

Evidenciou-se que, nas camadas inferiores, entre os negros, mulatos e brancos pobres, havia um grande número de jogadores de primeira classe, seja porque os ajudava um talento natural, seja

4. Instituição que organizava os campeonatos locais, como o Torneio Início e o Campeonato Cearense. Teve sua origem em 1920 ao substituir a Liga Metropolitana de Football, fundada em 1915. A ADC, como era denominada jornais pesquisados, reunia-se uma vez por semana e era composta por uma diretoria e presidente. Dados retirados da obra “Fortaleza de ontem e anteontem”, de Edgar de Alencar.
5. Rede de Viação Cearense (rvc), empresa do setor de locomoção em Fortaleza, cujos funcionários fundaram o Ferroviário Atlético Clube, sendo mais conhecido como “Ferrim”.

porque a “sucção da subida” e o remoinho das chances do futebol os envolvia e canalizava, seja porque eles, que não eram estudantes de Medicina ou Direito e frequentemente não tinham uma profissão, podiam lançar toda a sua paixão no jogo; em suma, porque levavam o jogo a sério e “não tinham nada a perder”. Muitos homens de cor, de antemão desencorajados pela dificuldade de ascensão, tornados interiormente incapazes de enfrentar as exigências da vida, viram sua hora chegar. Daí a seriedade com que jogavam, com que punham tudo no jogo: este se tornou, como a embriaguez do álcool e da dança, um caminho de fuga, certamente um caminho que parecia ir para cima. Apenas poucas décadas antes havia sido abolido o sistema de escravidão. Ainda aderiria uma mancha a qualquer trabalho manual. Dar pontapés numa bola era um ato de emancipação. De repente o próprio jogo tornou-se para eles um trabalho, e pôde igualmente relacionar-se com a emancipação dos escravos – num país que nunca teve o equilíbrio de uma ética puritana do trabalho – o fato de que, por outro lado, muitas vezes também o trabalho foi realizado como se fosse um jogo. (Franzini, 2003, p. 64)

Todas essas questões elencadas por Rosenfeld figuraram gradualmente no futebol cearense: o esporte como um “caminho de fuga”. os jogos praticados com toda a seriedade possível e como um trabalho. Esses novos aspectos, ao pluralizar os sentidos do esporte em Fortaleza, serão visualizados e refletidos com detalhes no tópico seguinte.

Contratações, competitividade e mercantilização: o *ethos* profissional e seus significados

Nesse intenso movimento após 1938, o campeonato cearense de 1939 atraiu visibilidade por parte da imprensa e dos dirigentes. Na reportagem “Expectativas para o ano”, compreende-se como esse ano se tornou singular:

Tudo indica que o ano de 39, em matéria de futebol, será um dos mais animados que a história desportiva do Ceará tem registrado. Influenciados pelas últimas temporadas interestaduais promovidas no campo do Prado, diversos cavalheiros de destaque na sociedade patricia dispuseram-se a tomar parte direta e ativa no movimento pebolístico cearense, emprestando seu auxílio ao trabalho que a nova diretoria da ADC pretende levar adiante. Nota-se, assim, nos diversos grêmios locais, uma agitação bastante promissora, sinal evidente de que, à maneira do que ocorreu em 1938, teremos em 39 um período desportivo dos mais interessantes e movimentados. (O Povo, 13 jan. 1939, p. 8)

O fato de o Ferroviário Atlético Clube ter sido o pioneiro na *figuração social* do profissionalismo não se mostra como nossa preocupação

principal, cuja explicação nos remonta a sua origem, que já foi debatida pelos historiadores Rodrigo Pinto (2007) e Airton de Farias (2005).

No entanto, por ter iniciado esse processo, os outros clubes também se viram “obrigados” a contratar e percorrer o longo caminho do profissionalismo, como é o caso do Ceará, que se verifica na reportagem “*Cracks* para o Ceará”, na qual se negocia a vinda do *keeper* internacional Jurandir:

Corre pela cidade que o Ceará Sporting Club tem negociações quase concluídas com Jurandir, o excelente goleiro nacional que aqui esteve o ano passado com o Palestra Itália e que defendeu as cores brasileiras no último campeonato sul-americano. Jurandir rescindiu há pouco o contrato que tinha com o Palestra. Ao que estamos informados o crack em apreço recebera do alvi-negro alvi negro a importância de 8 contos para fazer 4 jogos, afora [sic] passagem e estadia. Fala-se também em Landolfi, em Luiz Viana e em Jaime (de Pernambuco) para as fileiras do Vovô. (*Unitario*, 8 jul. 1939, p. 4)

Desse modo, o profissionalismo no futebol cearense, para os memorialistas e pesquisadores em geral, surge e se consolida em 1939. Segundo Damasceno: “Nesse período – final da década de 30 – o futebol cearense estava no auge, com bons públicos e grandes ídolos. Era o ano do profissionalismo em nossa terra” (Damasceno, 2011, p. 105). Já Fontenele anunciava da seguinte forma: “Poderíamos, então, considerar a implantação do futebol profissional no Ceará a partir do final da década de 1930” (Fontenele, 2013, p. 4).

Neste trabalho, em contrapartida, defendemos a ideia de que o profissionalismo se inicia em 1939, porém durante todos os anos de 1940 esse processo vai se desenvolvendo e, apenas em 1945, o amadorismo foi segregado das competições profissionais, sendo praticado em diferentes espaços, tal como se concebe atualmente o futebol amador nos bairros populares e comunidades.

Contudo, desde 1941, como podemos ver na reportagem “Amadores e Profissionais”, já havia a pressão para segregar as competições profissionais das amadoras, que só ocorrerá no final da década de 1940:

Noticiaram os jornais do Rio, que a CBD⁶ vai dirigir-se às entidades regionais determinando que organizem e prestigiem mais os *certamens* do futebol amadorista. Além disso, a mentora da metrópole exigirá que os campeonatos de AMADORAS se desenvolvam distinta e independentemente dos de profissionais. Afirma-se que a CBD, não consentirá que os clubes do amadorismo pebolístico, do Rio ou de outro Estado, continuem a disputar os seus jogos oficiais como preliminares das partidas da categoria profissional.

6. Confederação Brasileira de Desportos (CBD), entidade máxima do Futebol Brasileiro do período.

[...] De acordo com a lei esportiva em vigor, atualmente, os clubes amadores não podem disputar o campeonato em que se alinham as organizações profissionais. "CADA MACACO NO SEU GALHO", isto é, cada grêmio no *certamem* de sua categoria. Quem jogar por dinheiro, é profissional. Quem jogar por esporte, é amador. O "marromismo", disfarce que tem perdurado bastante, desaparecerá. Os *players* se definirão de uma vez, pondo termo a essa historia de um *crack* ser profissional no clube, e possuir ficha de amador na entidade. (*Unitario*, 31 maio 1941, pp. 5 e 7)

Assim, percebe-se que o futebol cearense da mesma forma que só incorpora o profissionalismo depois de algum tempo do Eixo Sul-Sudeste, também adotará essa medida para separar as duas categorias em competições diferentes meados dos anos 1940.

Enquanto a Associação Desportiva Cearense (ADC) não resolvia esse impasse, é importante salientar que continuou existindo jogadores amadores que mantinham suas experiências rígidas de não se tornar profissional, diferentemente dos vários exemplos de conversão ao profissionalismo que ocorreram. Vejamos um exemplo na reportagem "O América agiganta-se para o campeonato de 1940 – Nada de profissionalismo":

Em sua sede provisória, á rua General Sampaio, reuniuse ontem em sessão extraordinária preparatória, o AmericaFootball Clube. Grande foi o numero de americanos presentes á mesma, não só da nova, como da velha guarda. O entusiasmo que vai pelas hostes americanas é mesmo de admirar. Tomando de uma grande febre de vencer e convictos de grandes triunfos no ano esportivo de 40, foi logo após aberta a sessão, sendo proclamado presidente do clube dr. Ubirajara, o dr. Jurandir Picanço, por unanimidade de votos. Entre outros assuntos interessantes tratados em sessão, foi objeto de discussão o caso do *profissionalismo*. O América não adotará, em absoluto, tal regime. Entretanto, os seus *cracks* serão vantajosamente compensados, desde que saibam impor o seu valor. Oitenta por cento da renda dos jogos ganhos serão divididos com os mesmos. O América, que se havia desligado da A.D.C o ano passado, pediu nova filiação, já tendo pago a taxa e solicitou inscrição para o campeonato deste ano. (*Gazeta de Notícias*, 27 jan. 1940, p. 7)

Decorrem vários aspectos a serem analisados dessa reportagem, como o já mencionado caso de coexistência de *players* amadores e profissionais em vários clubes do período visto que, nesse caso, os americanos optaram por não adotar em absoluto o profissionalismo.

O Fortaleza Esporte Clube, inicialmente, resiste à incorporação de jogadores profissionais em seu time, porém, na medida em que durante o ano de 1939 o clube não consegue acompanhar seus rivais nos resultados, ocupando as últimas posições do campeonato cearense, não vê alternativa a não ser contratar os *cracks* para o ano de 1940.

O significado do profissionalismo, então, manifestava-se e se reverberava em todos os clubes, tendo consequências para quem não o aderisse, como foi caso do Fortaleza. Assim, segundo Elias e Dunning (1992), consolidava-se um *ethos* profissional diferentemente do *ethos* amador. Marcos Paulo Stigger, em diálogo com essa ideia, afirma:

Nesta outra ótica, estes três grupos estariam inseridos naqueles que desenvolvem o esporte a partir de um “*ethos* amador” (Elias e Dunning, 1992, p. 312), cujo componente principal é a prática do esporte *por divertimento*; sendo atividades que têm um *fim em si mesmas* e cujo acento tônico estaria no prazer, constituiriam “formas de participação nos desportos ‘dirigidos para si próprio’ ou ‘egocêntricos’”. (Elias e Dunning, 1992, p. 312)

No seu esforço para esclarecer esta ideia, Dunning contrapõe esta maneira específica de praticar o esporte àquela em que o *ethos* é do tipo profissional e cuja orientação está vinculada aos resultados: “formas de participação ‘dirigidas para os outros’” (Elias e Dunning, 1992, p. 317), tanto adversários como espectadores. Contrariamente às anteriores, estas práticas estão vinculadas ao que *está em jogo*, quer sejam interesses materiais, quer sejam satisfações relacionadas com a identidade e com o prestígio. (Stigger, 2002, p. 196)

O *ethos*, dessa forma, segundo Elias e Dunning, se aproxima de uma ideologia ou uma filosofia e simboliza as categorias que refletimos, a amadora e a profissional. Nas palavras de Joanna Lessa Silva:

De acordo com Elias e Dunning (1985), com a industrialização e a nova configuração social inglesa teremos o desenvolvimento de um *ethos amador* numa perspectiva ideológica, ou seja, uma moral amadora que será transformada em um discurso de combate à crescente profissionalização dos novos esportes, como o rúgbi e o futebol. (Silva, 2011, p. 65)

O profissionalismo, assim, para além do divertimento, está ligado ao resultado e a sua exterioridade, isto é, a dependência da prática fora dos campos e para outras pessoas, como dirigentes e espectadores.

Nesse momento em que os torcedores têm sua função essencial no futebol profissional, também foi importante perceber a questão financeira do futebol local, em que geralmente a manutenção das sedes, o pagamento aos jogadores e as inscrições na ADC são realizadas através da renda dos jogos. Assim, percebe-se a importância da “assistência”, ou seja, a presença do público no Campo do Prado⁷.

7. O Campo do Prado localizava-se onde hoje se encontram a Avenida Treze de Maio e a Rua Marechal Deodoro, no espaço do Instituto Federal e do Presidente Vargas. O terreno pertencia a uma empresa inglesa e depois a Alcides Santos (fundador do Fortaleza Esporte Clube), porém o Estado tomou posse, através

Quando o futebol surge e se consolida nas terras alencarinhas, os clubes eram sustentados exclusivamente pelos seus sócios, que geralmente eram os próprios jogadores e alguns dirigentes, o que mostra as boas condições de renda desses praticantes do jogo. Sobre essa questão financeira, vejamos o trecho da reportagem seguinte: "Verificou-se, assim, a exclusão do Carioca sob alegação de que o mesmo se encontra em atraso para com a tesouraria da ADC" (*O Povo*, 15 fev. 1939, p. 8).

Essa situação retratou a forma pela qual os clubes se filiavam à entidade e, enquanto filiados, pagavam uma quantia para a ADC, devendo esta organizar o futebol de acordo com suas condições financeiras, principalmente para pagar os interestaduais que movimentavam os campos de futebol naquele período. Em seu Estatuto, publicado na íntegra pelo jornal *Unitario*, podemos perceber como era a filiação dos clubes à ADC:

- Art. 4. – São sócios efetivos da Associação todos os clubes de futebol e as ligas de esportes, filiadas, ou que se venham a filiar e superintendidos pela mesma, obedecidos os seguintes princípios:
- a) apresentação de estatutos próprios, organizados pelas normas desta lei;
 - b) prova de haver pago na tesouraria da associação a taxa de filiação e a primeira mensalidade;
 - c) existência de três [sic]quadro de futebol, sendo dois adultos e um infantil, fazendo juntar a relação dos esportistas que os compõem;
 - d) declaração do local da sede em que se reúne bem como os distintivos, cores que adotar e a sua disposição nos uniformes e pavilhões;
 - e) nome do seu representante junto ao conselho diretor da associação;
- (*Unitario*, 11 abr. 1941, p. 5)

As temporadas de clubes de outros estados se denominavam "Inter-estaduais" e eram frequentes, pois geravam lucros, grandes jogos e bons públicos no Campo do Prado, como podemos verificar a seguir: "A proposta do Bahia foi a seguinte: 4 jogos por 25 contos; passagens e estadia para uma embaixada de 20 pessoas. A ADC fez uma contraproposta: 3 jogos por 18 contos, passagem e estadia" (*O Povo*, 12 abril 1939, p. 8).

A década de 1940 do futebol cearense, portanto, foi um momento de intensa movimentação do capital através das contratações, de presença do público nas arquibancadas e, em geral, de mudanças dos significados da prática esportiva.

A pretendida qualificação técnica através das contratações geravam resultados. Nos jornais, notavam-se reportagens recorrentes semelhantes a estas: "O futebol cearense atravessa uma fase de notáveis sucessos", "A minha confiança é absoluta. Justifico esta declaração baseado no elevadíssimo valor moral e no grande espírito de combatividade de que se acha possuída a turma cearense".

da doação de Otávio Frota, e os jogos passaram a ser praticados no Campo do Prado sob aluguel. Cf. Sampaio (2007, p. 29).

Vale salientar que, nas temporadas interestaduais, a partir desse novo momento do futebol cearense, também tiveram outros resultados; na reportagem “Mais uma vitória dos cearenses contra o Baía”, notamos a evidência do jornal ao crescimento de qualidade técnica:

Com a vitória de ontem sobre o Bahia, numa partida absolutamente normal, os cearenses podem ufanar-se de que o nosso futebol progrediu cem por cento do ano passado para cá. Em agosto de 1938, o mesmo conjunto que ontem encerrou sua temporada entre nós realizou cinco jogos contra os esquadrões locais e conseguiu impor nada menos de cinco derrotas, uma das quais pela aberrante contagem de 10x2. Doze meses após, visita-nos de novo o onze baiano, realiza igualmente cinco partidas e somente consegue levar duas taças para a BÔA terra. As outras três aqui ficaram, para espelhar, na limpidez metálica, que no ceara já se joga futebol, que os cearenses nada mais devem à rapaziada bahiana no esporte de Leônidas e Peracio. Foi isso, queiram ou não queiram os derrotistas, o que ficou demonstrado na temporada que ontem se encerrou. (O Povo, 28 ago. 1939, p. 8)

No ano posterior, novamente em uma temporada interestadual do Bahia, recolhemos a reportagem “Sobejamente evidenciada a vitalidade do futebol cearense”, na qual constatamos esse promissor rumo do futebol local: “Brilhante vitória do Ferroviário sobre o Baía por 4x2 – Zuza e Popó cumpriram as melhores performances da partida do último domingo. Rendeu 19:265 \$400” (*Unitario*, 28 jul. 1940, p. 5).

Figura 2. Ferroviário 4x2 Baía no Campo do Brado em 1940



Fonte: Jornal *Unitario*

Entretanto, o futebol cearense não caminhava sem problemas. Na medida em que os resultados e a qualidade técnica dos jogadores melhoravam, outras críticas ao esporte começavam a surgir e foram ganhando corpo na imprensa, principalmente ao valor alto que se pagava aos jogadores, ao exagero nas trocas entre os clubes e à conduta dos jogadores profissionais dentro e fora de campo.

As críticas ao profissionalismo não se restringiam ao futebol cearense. Em todo o Brasil, a nova categoria tinha seus impasses, como podemos ver na reportagem "O profissionalismo matou o futebol": Assinala-se, diante das últimas fraquíssimas exibições, que tanto no Rio como em São Paulo, o povo se mostra desinteressado por tais encontros, afirmando-se que isso se deve ao profissionalismo, que matou o futebol" (*Unitario*, 11 jan. 1941, p. 5).

Quanto ao que era gasto no futebol, vimos reportagens como "Comércio em vez de esporte" (*Unitario*, 23 jul. 1941, pp. 5 e 6) e "O valor do crack", que o autor da coluna no periódico ironiza:

Parece que até o presente ninguém conseguiu dizer qual o valor real de um jogador de futebol. O "crack" assina um contrato por 50:000\$000 de luva e 1:000\$000 de mensalidade. Mas o profissional de futebol é alguma coisa semelhante a um alqueire de farinha, uma arroba de cera de carnaúba, uma saca de café ou outra ceba qualquer. É, enfim, uma mercadoria. O seu preço varia. Varia de acordo com a lei da oferta e da procura. Varia, também, de acordo com o porte do clube que o pretende. (*Unitario*, 10 ago. 1941, p. 7)

No comportamento, passaram a existir críticas a jogadores que não aceitavam decisões dos árbitros, aos que deixavam se levar pelo ânimo exaltado e até aos clubes:

[...]Sem comunhão de idéas [sic], os clubes ficarão envolvidos na celeuma, cujos resultados negativos minarão de ódio os seus alicerces, levando-os à ruína. Um organismo esportivo, uma entidade centralizadora de agremiações, que oriente atividades, necessita de harmonia e de trabalho edificante de todos os filiados. O esporte não oferece ambiente para as tricas. Si estas corroem as paredes dos clubes, declaremos, de já, guerra à sua ação destruidora. Nas porfias, principalmente, precisamos de disciplina, dentro e fora das arenas onde se travam as lutas esportivas, impõe-se o império da lealdade e da educação. E que se eliminem logo os amigos das arruaças e das descomposturas. Porque eles são os inimigos declarados do esporte. (*Unitario*, 6 ago. 1941, p. 7)

Depreende-se que, mesmo com o profissionalismo, os clubes não deviam se esquecer da esportividade, da disciplina e das intrigas entre si, pois sem isso as entidades organizadoras não atingiam seus objetivos.

Outra questão que se pode analisar foi sobre a invasão de jogadores provenientes de outros estados desde essa época dos anos 1940. Para o

profissionalismo, a naturalidade do jogador não se fez um requisito relevante, mesmo que no amadorismo o jogador de futebol não tenha que ser da “terra”, geralmente os jogadores eram pessoas de famílias da cidade e em seus momentos de lazer praticavam atividade com a *pelota*.

Como uma profissão, no futebol não se escolhia onde jogar e, devido à grande quantidade de jogadores “importados”, os jornais lançavam alguns questionamentos:

Quantos jogadores de outros Estados atuam, presentemente, no futebol cearense? A importação não constitui um mal, propriamente. É preciso formar escolas de “cracks”, cuidar e burilar a “prata da casa”. Não adianta apenas importar, sem ter o necessário cuidado com as “promessas” de casa. Chegará o momento em que os importados estarão velhos, caducando de futebol e a esta altura só a mocidade salvará um prestígio. (*Unitario*, 19 jun. 1942, p. 5)

O processo de consolidação do profissionalismo e a sua segregação das competições e dos clubes amadores em Fortaleza vai percorrer a década de 1940 com a presença de todas essas questões.

A qualificação técnica dos jogadores, as inúmeras contratações e o capital dispendido nessa nova fase do futebol cearense trouxeram também outras questões que foram polemizadas nos jornais, como a disciplina, a valorização dos jogadores de nossos estados e o exagero no valor destinado ao salário e as aquisições dos *cracks*, transformações essas que direcionavam a prática esportiva à mercantilização.

Algumas conclusões

O processo de profissionalização do futebol cearense, portanto, foi resultado de um conjunto de transformações específicas, através de necessidades locais que propiciaram as contratações. Assim, neste estudo, buscamos apontar as razões que revelaram o profissionalismo no Ceará e as implicações desse processo: a mercantilização do futebol local.

Em suma, o profissionalismo no futebol cearense não se anunciou a partir de uma medida estabelecida, e sim através de um conjunto de fatores que transformaram a prática do futebol no cotidiano da cidade e incorporaram mudanças que (des)construíram e influenciaram a trajetória do esporte.

Neste artigo, portanto, investigamos quais as razões que catalisaram a introdução do futebol profissional e como esse processo modificou a prática do futebol, ao compreender sua relação com a perda do ideal do jogo por amor ou esporte pelo esporte, a presença dos torcedores, a renda dos jogos e o espírito de competitividade para se obter resultados.

Bibliografia

- Damasceno, A. (2011). *Futebol Cearense: a história*. Fortaleza: Edição Própria.
Da Matta, R. (1982). *O Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothek.

- Dunning, E. (1985). A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto. Em N. Elias e E. Dunning, *A busca da excitação* (pp. 299-325). Lisboa: Difel.
- Farias, A. (2005). *Ceará: uma história de paixão e glória*. Fortaleza: Edições Livro Técnico.
- Franzini, F. (2003). *Corações na ponta da chuteira*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Huizinga, J. (2010). *Homo ludens*. São Paulo: Perspectiva.
- Pesavento, S. (2003). *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Pinto, R. (2007). *Do Passeio Público à Ferrovia: o futebol proletário em Fortaleza* (1904-45). Fortaleza: Dissertação de Mestrado em História/UFC, 156f.
- Pinto, R. (2007). *A formação dos times de futebol proletário e as intervenções das elites: a construção da história do futebol cearense e os conflitos sociais em torno da bola*. (1919 - 1938), Associação Nacional de História - ANPUH XXIV simpósio nacional de história - 2007.
- Reis, H. e Escher, T. (2006). *Futebol e Sociedade*. Brasília: Liber Livro.
- Rosenfeld, A. (2000). *Negro, Macumba e Futebol*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Sampaio, A. (2007). *Futebol Cearense: retalhos históricos*. Fortaleza: imprece.
- Silva, J. (2011). Futebol: amadorismo em tempos de profissionalismo. *Revista de Ciências Sociais*, 42 (1), jan./jun., 64-76.
- Stigger, M. (2002). *Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico* - Campinas, SP: Autores Associados, chancela editorial Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE). - (Coleção educação física e esportes).